

A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA DO SIGNO-TABU E SUAS REVERBERAÇÕES MORFOLÓGICAS



THE SEMANTIC MOTIVATION OF THE TABOO SIGN AND ITS MORPHOLOGICAL EFFECTS

DANIEL ABUD MARQUES ROBBIN

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 07/06/2021 • APROVADO EM 10/09/2021

Abstract

This work proposes to revisit the question of the arbitrariness and iconicity of the linguistic sign, specifically that sign seen as taboo in the lexical acquis of the language. For this, we use sociolinguistic data collected from a semantic-lexical questionnaire with eighteen informants in the city of Corumbá/MS. Our initial hypothesis about, in language, these types of lexical items may be extralinguistic (iconic) motivation, is confirmed from statistical, morphosemantic and lexicographic analysis of the variants about *person who is overweight* and *person who is far below weight, who can already see the bones*. Moreover, the observation of the data allows us to conclude that as to the possible semantic motivation, we have at least two groups of linguistic taboos: those who are arbitrary and those who are iconically motivated. At last, the research documents different ways of seeing and signifying the world, from our beliefs, ideologies, finally, of our culture, matching with the principle of linguistic relativity of Sapir.

Resumo

Este trabalho se propõe a revisitar a questão da arbitrariedade e da iconicidade do signo linguístico, especificamente, daquele signo tido como tabu no acervo lexical da língua. Para tanto, valemo-nos de *corpora*

sociolinguísticos coletados a partir de questionário semântico-lexical com dezoito informantes na cidade de Corumbá/MS. Nossa hipótese inicial de que existem, na língua, itens lexicais tabuísticos que apresentam motivação extralinguística (icônica) é confirmada a partir da análise estatística, morfossemântica e lexicográfica das variantes para os referentes *pessoa que está acima do peso* e *pessoa que está muito abaixo do peso, que já conseguimos ver os ossos*. Além disso, a observação dos dados nos permite concluir que quanto à eventual motivação semântica, temos ao menos dois grupos de tabus linguísticos: os arbitrários e os iconicamente motivados. Por fim, a pesquisa documenta diferentes formas de ver e significar o mundo, a partir de nossas crenças, ideologias, enfim, de nossa cultura, coadunando-se com o princípio da relatividade linguística de Sapir.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Linguistic taboo. Semantic motivation. Metaphor. Variation.

PALAVRAS-CHAVE: Tabu linguístico. Motivação semântica. Metáfora. Variação.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Há muito se discute sobre o conceito e a composição do signo linguístico, suas possíveis facetas, seus possíveis usos no contexto linguístico e extralinguístico, ademais de onde vem o próprio significado das palavras.

Neste estudo, propomos uma revisita aos fundamentos que teorizam a constituição do signo linguístico, atendo-nos, principalmente, à questão da sua arbitrariedade ou iconicidade. Ademais, objetivamos, através de dados sociolinguísticos coletados em uma comunidade de fala no interior sul-mato-grossense, a saber, a cidade de Corumbá, analisar a eventual motivação semântica de unidades lexicais específicas do léxico, os vocábulos-tabu.

Analisaremos, em especial, o que se convencionou chamar de tabus de delicadeza (ULLMANN, 1964) ou tabus linguísticos impróprios (GUÉRIOS, 1979), aqueles que se referem à aparência física. De um questionário previamente elaborado com 22 questões semântico-lexicais, exploraremos as variantes para dois referentes: 1) *pessoa que está acima do peso* e, 2) *pessoa que está muito abaixo do peso, que já podemos ver os ossos*.

Para tanto, valemo-nos de uma metodologia de análise estatística, tanto da produtividade lexical das variantes coletadas na fala de dezoito informantes, inicialmente categorizados através de critérios sociais: faixa etária, gênero e nível de escolaridade, quanto dos processos de formação desses itens no universo linguístico. Todavia, não é parte do escopo dessa pesquisa a análise sociolinguística propriamente dita dos referentes em questão, e sim, uma análise morfossemântica que dê conta das questões levantadas.

Nossa hipótese central é de que, contrariando o que Guiraud (1960) expõe sobre a não-motivação de palavras-tabu, existem sim, algumas unidades lexicais tabuísticas que apresentam motivação semântica. Além disso, também acreditamos que a forma como o falante rotula a realidade extralinguística tem muito a ver com

a formação dos comportamentos e da própria cultura em que este se insere, a norma social, refletida, indiscutivelmente, na norma lexical da comunidade.

2. A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA DO SIGNO-TABU À LUZ DE UM PERCURSO TEÓRICO-HISTÓRICO

O ponto de partida em nossas considerações será a definição de dois importantes conceitos para os estudos semânticos, e também para os estudos linguísticos. A *arbitrariedade* e a *iconicidade* do signo. Para que definamos as duas propriedades, faz-se necessário, sumariamente, entender melhor o que seria um signo linguístico.

Conforme retratam Wilson e Martelotta (2016), Platão, na esteira da filosofia de sua época, traz à tona um interessante debate sobre a relação entre a forma linguística e a realidade extralinguística. Em **Crátilo**, através do diálogo entre Crátilo, Sócrates e Hermógenes, podemos ver três posições diferentes sobre tal relação. Crátilo defende que “a língua é o espelho do mundo, o que significa que existe uma relação natural e, portanto, similar ou icônica entre os elementos da língua e os seres por eles representados.” (WILSON e MARTELOTTA, 2016, p. 71). Isso nos ajuda a compreender a iconicidade enquanto uma propriedade natural à composição do signo linguístico, através da qual há um elo de ligação entre a realidade física, a forma com que a vemos e a maneira como a materializamos através das palavras.

Um caso interessante em que podemos nos pautar para exemplificar essa eventual ligação entre significante, significado e realidade é a própria designação-tabu, conforme comprovaremos em nossas análises. Tomemos, preliminarmente, alguns exemplos dispostos por Guérios (1979), em sua obra, **Tabus Linguísticos**. Como explicitado pelo autor, o vínculo entre objetos-tabu a palavras-tabu contribuiu para o entendimento de que, no momento de concepção de um vocábulo-tabu, existe relativa motivação semântica entre a realidade empírica e a realidade linguística. O autor menciona os casos de tabus afeitos aos nomes de pessoas, em que “o nome do indivíduo, entre os selvagens e mesmo civilizados supersticiosos, é parte essencial, inseparável de sua personalidade; não se deve empregá-lo, proferi-lo, porque fica a pessoa citada em perigo, por virtudes de poderes estranhos” (GUÉRIOS, 1979, p.26).

Realizando uma leitura atenta desse trecho, podemos perceber, na prática, essa relação entre a forma que enxergamos o mundo e a forma que o significamos/designamos. Exemplo interessante é, ainda, o caso dos nobres quaquitles (GUÉRIOS, 1979, p. 135), os quais possuem dois tipos de nomes, de acordo com a estação do ano em que se encontram. Trata-se de uma prova concreta dessa eventual vinculação entre nome e realidade, dessa iconicidade do signo linguístico. Dizemos eventual pois, no terreno da linguagem, muito pouco é fixo ou imutável.

Discordamos, nesse sentido, de Guiraud (1960), quando o autor afirma que os tabus linguísticos, “lejos de motivar, lo que buscan es romper la asociación¹.”

¹ “distante de motivar, o que buscam é romper a associação” (GUIRAUD, 1960, p. 70, TN).

(GUIRAUD, 1960, p. 70). Se assim o é, porque conseguimos visualizar determinada relação de sentido entre variantes lexicais tabuizadas a partir de dados dialetais?

Benke (2012), em sua dissertação, retrata as nomeações para *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*. Algumas das variantes mais interessantes passam pelo que se convencionou chamar processo de metaforização, a exemplo do estudo de Guedelha (2011) com tabus linguísticos. À guisa de exemplo, podemos falar de *besta, burro, cavalo, jegue e pamonha* (BENKE, 2012, p. 131).

Tais denominações, se analisadas mais a fundo, estabelecem analogias com outros referentes do mundo natural, sejam nomes de animais ou de comidas. A autora estabelece, por exemplo, uma

hipótese da associação entre as características do alimento “pamonha”, uma iguaria de consistência mole, e as da pessoa “pouco inteligente”, já que a variante *pamonha* também designa uma pessoa mole e sem iniciativa, o que justifica a sua dificuldade no aprendizado. O uso dessa metáfora está associada, pois, ao sema “mole”. (BENKE, 2012, p. 129 - 130).

Também podemos visualizar variantes metafóricas icônicas (BENKE, 2012) para *o sangue que a mulher perde todos os meses*, dentre as quais, *bandeira vermelha, escrever com tinta vermelha e estar moranguinho*, construídas a partir da associação entre cor do objeto-tabu e a cor desses outros elementos.

Guiraud (1960) pode ter relativa razão quando diz que o item lexical tabu visa a sublimar a carga negativa do referente pejorativo, porém, muitas vezes, a pejoratividade destas unidades lexicais é tamanha que nos leva a fazer associações com outros objetos da realidade extralinguística que encontram alguma similaridade com os mesmos. Esta similaridade pode ser de natureza física ou comportamental.

Gholmie (2019), em sua dissertação, rememora classificações tipológicas das motivações semânticas em itens lexicais. A proposta de classificação de Contini (2009, *apud* GHOLMIE, 2019, p. 29), dá-se através de três níveis: onomatopaico, fonossimbólico e icônico.

Quando adentramos no campo do onomatopaico, há de se levar em consideração a relação entre um som natural e a sua representação linguística. A motivação onomatopaica fica evidente, sobretudo, em nomes de animais a partir da imitação do som que produzem, como é o caso do *bem-te-vi*.

A motivação fonossimbólica, nas palavras de Gholmie (2019, p. 29), “recupera a função semântica dos fonemas, que reproduzem, além de imagens sonoras, movimentos e sensações.”. A própria autora documenta variantes como *mofa* e *bufa*, que de acordo com suas pesquisas (GHOLMIE, 2019, p. 70), aparentam esse tipo de motivação por conta da relação entre a aparência do vegetal e o barulho emitido quando este é tocado.

Focaremos, neste trabalho, na possibilidade de motivação icônica do signotabu, ou seja, aquela que se dá através de conexões entre dois objetos da realidade empírica, seja por processos de metaforização, seja por processos de metonímia.

É importante que se tenha em mente que nem todo tabu linguístico apresenta motivação aparente. Mas isso não significa que este tipo de item lexical jamais tenha apresentado motivação semântica, já que “O vocábulo que advém desse tipo de motivação, em especial, pode se tornar opaco quando as razões que o originam tornam-se obscuras.” (GHOLMIE, 2019, p. 30).

Admitimos, nesse sentido, que existem tabus linguísticos convencionados (arbitrários) ou, ainda, parcialmente motivados, opacos (aqueles que estão passando pelo processo de obscurecimento da propriedade icônica no seio da língua); e, por fim, tabus linguísticos aparentemente motivados, nos quais ainda é possível visualizar a conexão entre nomeação e realidade extralinguística. Ocupar-nos-emos de atestar tal hipótese através da análise léxico-semântica do *corpus* que reunimos nesta pesquisa.

Tratamos de situar o icônico nos estudos da linguagem. Devemos, todavia, conceituar o arbitrário. Conforme já delineamos através de alguns exemplos, o signo arbitrário é aquele em que “não há transparência ou similaridade” (WILSON e MARTELOTTA, 2016, p. 71) com o mundo real, convencionado pela sociedade através dos usos linguísticos. Hermogênes, personagem do **Crátilo**, defendia essa postura, em contraponto à visão do próprio Crátilo. Cabe a Sócrates fazer a ponte entre ambas as visões nesta obra fundacional.

Tomamos como exemplo de signo-tabu arbitrário o caso de *cornudo*, designação encontrada por Benke (2012) para se referir ao *marido traído* em dados dialetais. Em nossa concepção, *cornudo*, através de derivação sufixal *cornu+udo* não apresenta motivação semântica aparente, já que a motivação inicial reside toda na carga semântica da palavra-mãe, *cornu*, se pensarmos na associação que se faz entre o marido traído e a anatomia zoológica do animal que possui os *cornos*. Benke (2012, p. 154) registra, entretanto, alguns vocábulos-tabu derivados de *cornu* que apresentam eventual motivação icônica, como, por exemplo, *cornu cebola* e *cornu cururu*. Isto reforça a tese de que, no universo lexical, não existem categorias absolutas.

Saussure traz à baila esta discussão em novo momento, no que se convencionou chamar Linguística Moderna, já situada ao século XX. Para o autor, o signo linguístico tende a ser arbitrário, porém, não somos impedidos de “distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente.” (SAUSSURE, 1971 [1916], p. 152-153, *apud* GHOLMIE, 2019, p. 27). Desse modo, o autor traz uma classificação relativamente maleável no tocante à propriedade semântica do signo linguístico.

Todavia, Saussure ainda pende muito mais para a defesa da arbitrariedade do signo linguístico. Em contrapartida, ao tratar da mutabilidade e da imutabilidade do signo linguístico:

Não é entre o significante e o significado que a relação ao mesmo tempo se modifica e permanece imutável, é entre o signo e o objeto; é, em outras palavras, a *motivação objetiva* da designação, submetida, como tal, à ação de diversos fatores históricos. (BENVENISTE, 1976, p. 58).

Ao optar por deslocar a mutabilidade do signo linguístico não mais para a relação significante versus significado, e sim para a motivação objetiva da designação, Benveniste nos fornece um instrumento de compreensão da existência da motivação linguística, como algo inerente a uma série de itens lexicais, ou melhor, designações. A motivação está associada a fatores históricos, socioculturais, comportamentais, à própria norma lexical, reflexo da norma social. E é nesta seara que podemos enxergar com melhor nitidez a forma como o falante significa o mundo. A motivação linguística faz parte do rol do processo de SIGNIFICAÇÃO, e não do produto SIGNIFICADO. Desse modo, coadunamos com a visão de que a língua é, na verdade, a própria realidade (BENVENISTE, 1976), ou seja, uma tradução do que vemos, ancorada por nossas ideologias, crenças e atitudes, combinadas com o curso socio-histórico em que nos inserimos.

A partir da discussão feita por autores como Platão, Saussure (1916), Guiraud (1960), Ullmann (1964), Benveniste (1976) e Contini (2009) podemos compreender o quão difícil é a delimitação do que é arbitrário ou motivado em línguas naturais. Cabe a nós, enquanto linguistas, procurar reunir informações concretas que permitam tirar conclusões parciais, tendo em conta que tal questão dificilmente será resolvida em um intervalo curto de tempo. O que oferecemos, contemporaneamente, são contribuições parcelares. Tais contribuições podem ser visualizadas em estudos como os de Barbosa Doiron (2016) e Gholmie (2019), à luz da assim chamada Semântica Motivacional.

3. METODOLOGIA

No presente trabalho, propomo-nos a guiar através do estudo de *corpora* coletados em estudo sociolinguístico. Destacamos que o viés desta investigação não é de caráter sociolinguístico, porém somente logramos êxito nessa pesquisa a partir de dados sociolinguísticos. E isto é interessante, pois cada vez mais dados coletados *in vivo* podem ser utilizados para fins interdisciplinares.

Desta forma, cabe contextualizar que analisaremos designações para dois tabus linguísticos, *pessoa que está acima do peso* e *pessoa que está muito abaixo do peso, que já conseguimos ver os ossos*, obtidas a partir de questionário léxico-semântico elaborado em investigação anterior, referente a trabalho de conclusão de curso. No referido trabalho, elaboramos tal questionário contendo 22 perguntas no que tange ao campo semântico dos itens lexicais tabus. Exploramos, todavia, muito pouco deste *corpus* coletado em tempos de pandemia.

Tal questionário foi elaborado seguindo os parâmetros da Sociolinguística Variacionista e da Dialetoлогия, porém foi aplicado em ambiente virtual, salvaguardadas as especificidades metodológicas, contextualizada para o momento crítico em que vivemos. Desse modo, obtivemos informações sociolinguísticas (e não dialetológicas, pois optamos por estudar apenas o vocabulário-tabu de uma comunidade de fala em específico, a cidade de Corumbá, no interior do Mato Grosso do Sul), a partir dos estratos sociais *sexo/gênero, faixa etária e nível de escolaridade*, resultando em uma estratificação social com dezoito informantes.

Aplicamos, portanto, as informações coletadas referentes às questões semântico-lexicais *pessoa que está acima do peso* e *pessoa que está muito abaixo do peso, que já conseguimos ver os ossos* a uma análise de cunho motivacional, visando a comprovar que, em termos de léxico tabu, algumas unidades podem, sim, apresentar motivação semântica, especialmente no campo do que se chamou motivação icônica (Contini, 2009). Partimos do pressuposto de que, ao tentar se distanciar da carga semântica pejorativa do referente socialmente estabelecido, o item lexical tabu adquire outra motivação semântica se associado a itens da realidade extralinguística.

Nossa análise será realizada através da combinação entre classificação morfológica das unidades lexicais coletadas e análise semântica, em um conjunto global morfossemântico (de interface), e também apoiados na análise lexicográfica, que traz informações substanciais acerca do modo como a comunidade de fala significa os referentes em observação. Para tal análise, foram consultados os dicionários de Cunha (2010) e Michaelis Online (2015), o primeiro, de caráter etimológico; o segundo, de cunho geral.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Quadro 01 – Análise estatística e morfossemântica das designações para *pessoa que está acima do peso*.

Variante	Produtividade lexical	Processo de formação	Motivação semântica aparente	
Obeso (a)	13/23 – 56,5%	Empréstimo (linguagem técnica), do latim <i>obesus</i> .	Não	
Gordo e variantes (Gordinho, Gorducho, Gorda demais)	6/23 – 26,1%	Gordo – Empréstimo (do lat. <i>gurdus</i>) Gordinho – Derivação sufixal Gorducho – Derivação sufixal Gorda demais – Composição	Não	
Baleia	1/23 – 4,34%	Metaforização	Sim	Icônica (Metafórica)
Bucho	1/23 – 4,34%	Metonímia	Sim	Icônica (Metonímica)
Forte	1/23 – 4,34%	Metaforização	Sim	Icônica (Metafórica)
Hipopótama	1/23 – 4,34%	Metaforização	Sim	Icônica (Metafórica)

Fonte: O próprio autor.

Observando o quadro referente à produtividade lexical (percentual de uso) das variantes obtidas para *pessoa que está acima do peso*, podemos perceber a

primazia da variante *obeso*, que vem sendo empregada na linguagem técnica da medicina. Ressalta-se que, por vezes, o discurso técnico-científico pode ser utilizado com vistas a neutralizar a carga semântica pejorativa de determinados vocábulos. Não raramente a terminologia técnica do português contemporâneo provém de outras línguas, como grego ou latim. É o caso das variantes *obeso* e *gordo*, ambas vindas da língua latina. Ainda assim, podemos ressaltar uma certa diferença no grau de especificidade e de intensidade das duas variantes. Conforme a análise lexicográfica nos predita a posteriori, o indivíduo *obeso* é aquele que é muito gordo, em um nível de abrangência muito mais preciso. Além disso, há de perceber que o vocábulo *gordo* é, pela análise etimológica, primário a *obeso*, datando do século XIII, enquanto o segundo data apenas de 1813. Pode-se dizer, pelas informações etimológicas dispostas no quadro subsequente, que o uso da variante *gordo* deve ter desencadeado o uso de *obeso* mais adiante, com o desgaste da forma original pelo uso corrente. Tanto que *obeso* é muito mais utilizado na terminologia técnica, sendo menos geral que *gordo*.

O importante dessa discussão preliminar é identificarmos qual é a classificação dessas duas variantes se a tomarmos como tabuísmos. Deve-se lembrar, ademais, que a *pessoa que está acima do peso* pode ser interpretada, na nossa perspectiva, enquanto tabu linguístico, se pensarmos na classificação de Kroll (1984), em que a aparência física, por evocar uma série de preconceitos e estigmas, é compreendida como um tabu de delicadeza, ou ainda um tabu linguístico impróprio (GUÉRIOS, 1979).

Assim sendo, *gordo* pode ser interpretado como um recurso de substituição intitulado nome genérico, consoante Guérios (1979), e ainda sob a égide desse autor, *obeso* é um recurso substitutivo cedido pela linguagem técnica. Ambos neutralizam a carga semântica pejorativa do referente. Semanticamente, a priori, não podemos falar em motivação semântica aparente para essas variantes, já que não evocam nenhuma forma ou sensação, muito menos som natural da realidade extralinguística. São, portanto, signos arbitrários.

É interessante, ainda, que atentemos à formação de novas palavras a partir de *gordo*, para se referir a este referente. *Gordinho* e *gorducho* são formadas por derivação sufixal, a partir de *gordo*. Porém, o sentido que evocam é completamente distinto. Enquanto *gordinho* possui carga semântica eufêmica, ou seja, o sufixo *-inho* suaviza a ideia pejorativa original (SANDMANN, 1988), *gorducho* possui um viés disfêmico, tem a intenção de ironizar e tornar ainda mais aviltante o vocábulo original. Isso pode ser comprovado a partir do que se expõe em Santana (2017, p. 632), sobre alguns dos valores semânticos dos sufixos grafados em *ch*, como por exemplo, a intensidade e a depreciação. Há de se ressaltar que *gordinho* também pode, através da carga semântica de pequenez atribuída ao sufixo, conforme o Michaelis, referir-se a um homem gordo de baixa estatura, em específico. Ambas as variantes são de grande uso corrente, já estando dicionarizadas.

As variantes *baleia*, *forte* e *hipopótama* podem ser enquadradas a partir da mesma categoria semântica, são metáforas para o referente. A metáfora, conforme Sardinha (2007, p. 22, *apud* GUEDELHA, 2011, p. 55), trata-se da transferência de sentido entre dois campos de significado diferentes. Podemos pensar que, entre ambos, há determinada semelhança, através de algum aspecto em específico. No caso de *baleia*, a análise lexicográfica a partir do Dicionário Michaelis já nos indica o

caráter pejorativo e figurativo da expressão para designar uma *pessoa que está acima do peso*, sendo que o significado original do vocábulo é utilizado para designar um animal de grande porte. Claramente, um caso de motivação icônica através do processo de formação de palavra denominado metaforização, através do qual se estabelece uma analogia através da forma física dos referentes.

No caso de *forte*, atribuiu-se um status positivo a esta característica física, também de caráter suavizador/eufêmico, pois “não se diz de uma pessoa com excesso de peso que é *gorda*, mas antes polidamente que está *forte* ou *um pouco nutrida*.” (KROLL, 1984, p. 35). Percebe-se que o uso dessa unidade lexical já é bastante antigo, etimologicamente, datando do século XIII. A pessoa que é *forte*, de acordo com o Michaelis, é aquela robusta, ou corpulenta. Através do processo de metaforização, temos um vocábulo cuja motivação semântica é icônica, associando formas físicas maiores à grandeza da força física, característica há muito cultuada nas sociedades ocidentais.

Hipopótama, assim como *baleia*, remete a um animal de grande porte, portanto, a motivação dessa variante também é compreendida enquanto icônica, através do processo de metaforização, analogia entre formas físicas. A marca de uso para *baleia* no Michaelis é pejorativa. *Hipopótama* possui status de uso figurado neste dicionário. Reiteramos o processo de dicionarização de formas do uso corrente, consequência da cristalização desses itens lexicais na norma da comunidade de fala brasileira.

Bucho, por sua vez, trata-se de uma unidade lexical formada a partir de metonímia, se tomarmos a perspectiva de Ullmann (1964) e Contini (2009, *apud* GHOLMIE, 2019, p. 31). Segundo tais autores, a motivação semântica icônica pode ser tanto do campo metafórico, conforme já observamos em algumas variantes, mas também da ordem do metonímico, quando tomamos uma parte pelo todo, ou vice-versa. Nesse caso, a análise das acepções no Michaelis nos traz a variante em seu sentido lato, enquanto estômago dos mamíferos e peixes. Acredita-se que, no uso popular, os falantes tenham utilizado essa parte do corpo, justamente a mais proeminente no referente em questão, para designar o todo. Isso mostra um pouco da dinâmica de funcionamento dos rótulos em nossa sociedade. Muitas vezes, insistimos em denominar um todo apenas por uma parte mormente visível ou que se destaque, desconsiderando que há muito mais por trás do visível e do experiencial.

É este o poder do léxico enquanto testemunha de uma cultura, conforme Biderman (1992). O acervo lexical da comunidade é esse depósito de valores, crenças e ideologias, modelado a partir dos costumes e dos padrões de comportamento e de vivência da comunidade. Muitas vezes, aquilo que não se enquadra no padrão cultural é posto de lado ou rechaçado de alguma forma. É o que Bagno (1999) nos mostra quando formula o conceito de preconceito linguístico, através do qual, muitas vezes, há uma série de preconceitos sociais, não só em relação à pessoa que profere a mensagem, mas também, por vezes, ao próprio conteúdo da mensagem, a pessoa ou objeto sobre quem se fala.

As informações obtidas através dos dicionários de Cunha (2010) e Michaelis Online (2015) podem ser aferidas com maior atenção no quadro a seguir:

Quadro 02 – Análise léxico-semântica dos designativos para *pessoa que está acima do peso*.

Variante	Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Cunha (2010)	Dicionário Michaelis Online
Obeso (a)	Adj. 'gordo, farto' 1813. Do lat. <i>obesus - a</i>	Adj 1 Que sofre de obesidade: “Você sabia que crianças e adolescentes que passam muito tempo na frente da TV sem atividade física, comendo tranqueiras, como salgadinhos, doces e frituras, estão ficando obesas?” (AF). 2 Muito gordo; com excesso de gordura. ETIMOLOGIA <i>lat obesus</i> .
Gordo (a)	Adj. 'untuoso, de tecido adiposo desenvolvido' XIII. Do lat. <i>gurdus</i> 'tolo, grosseiro'	Adj 1 Em que há excesso de tecido adiposo; corpulento, obeso, rolho: “Apalpo-me diante do motorista, que olha a mancha viva na minha camisa, faz uma careta e me deixa passar. Dou sorte de encontrar um banco vazio atrás de um padre preto e gordo com olhos esbugalhados [...]” (CB). 2 Indivíduo obeso: “– Ora, o quê! O mundo é largo! sentenciou a baiana. Há lugar pro gordo e há lugar pro magro! Bem tolo é quem se mata!” (AA1). ETIMOLOGIA <i>lat gurdum</i> , como <i>esp</i> .
Gordinho	Sem aceção encontrada	adj sm Que ou aquele que é gordo e de baixa estatura; gordote, gorducho, gordufo. sm 1 Aquele que é obeso e de baixa estatura; gordote, gorducho, gordufo: Ela sempre gostou de homens gordinhos. “Se lembra daquele seu colega Jaime? Jaime, um gordinho que todo mundo achava legal” (JU). ETIMOLOGIA <i>der de gordo+inho</i> .
Gorducho	1881.	adj sm substantivo masculino COLOQ V gordinho. ETIMOLOGIA <i>der de gordo+ucho</i> .
Baleia	Sf. 'designação comum às espécies de mamíferos cetáceos, marinhos, da fam. Dos balenopterídeos' <i>balea</i> XIII Do lat. <i>balaena</i> ou <i>ballena</i>	PEJ Pessoa muito gorda ETIMOLOGIA <i>lat ballænam</i> latim <i>ballænam</i> .
Hipopótama	Hipopótamo (ii) XVI. Do lat. <i>hipopotamus</i> , deriv dog r. <i>hipopótamos</i>	FIG Pessoa muito gorda; balofo, corpulento, obeso. ETIMOLOGIA <i>gr hippopótamos</i> .

Bucho	<i>Sm.</i> ‘estômago dos mamíferos e dos peixes’. XIV. De origem controvertida; talvez seja de formação expressiva.	<i>Sm</i> substantivo masculino 1 ZOOLOG Estômago dos mamíferos e dos peixes. 2 POR EXT, ANAT O estômago do homem; barriga, ventre: “CAROBA – Ra, ra! Que é que o senhor está escondendo aí nesse bucho?” (AS). De bucho, COLOQ: em estado de gravidez. ETIMOLOGIA <i>desc</i> , como <i>esp buche</i>
Forte	<i>Adj.</i> ‘rijo, robusto’ XIII. Do lat. <i>fortis</i>	<i>adj m+f</i> 1 Que tem grande força ou vigor físico; robusto, vigoroso. 2 Que tem constituição física avantajada; corpulento, grande. ETIMOLOGIA <i>lat fortem</i> , como <i>esp fuerte</i> espanhol fuerte.

Fonte: Elaboração do autor, com base nas acepções de Cunha (2010) e Michaelis (2015).

Destarte, pode-se sistematizar que, na comunidade de fala corumbaense prevalece o uso do *obeso* em detrimento das demais variantes, o que talvez demonstre uma maior preocupação com a linguagem em seu uso “politicamente correto”, ou técnico-científico. Ao utilizar o termo da área da Medicina, o falante se distancia da carga semântica negativa atribuída socialmente ao referente. A segunda variante (ou variantes agrupadas de acordo com a base linguística – *gordo*) é utilizada com menos da metade da frequência de *obeso*, o que demonstra, novamente, a prevalência dos usos mais conservadores – e por conservadores, entendemos aqueles que se opõem aos inovadores, de caráter neológico – para se referir a este referente, de forma a neutralizar a carga pejorativa. Até porque *gordo* é um recurso de substituição intitulado termo genérico (GUÉRIOS, 1979), que também, de acordo com o exposto, auxilia no processo de anulação do viés disfêmico do referente.

Os usos mais criativos nessa análise, por sua vez, foram também os que apresentaram motivação semântica aparente, e notavelmente, aqueles com menor percentual de uso nesse recorte de investigação. Alguns desses usos apresentam carga muito mais disfêmica e ofensiva do que os vocábulos aparentemente arbitrários nessa situação de pesquisa. Talvez esses itens tenham sido menos utilizados pelos informantes por conta da tendência atual a uma suavização linguística e, conseqüentemente, maior cuidado com a escolha das palavras, conforme já exposto. Salienta-se, ainda, que em nossa percepção, o processo de formação dessas palavras, consoante o exposto em Guedelha (2011), é motivado pela carga semântica da ideia-tabu. Se tomarmos a perspectiva de Guérios (1979), existem objetos-tabu, ou seja, referentes-tabu, que, com o tempo, acabam contaminando a linguagem com a carga de valoração social negativa que lhe incutem na comunidade. Dessa maneira, as palavras-tabu, de acordo com a intenção do falante, podem ser neutralizadas, como é o caso de *gordo/obeso*, podem ser suavizadas, como em *gordinho*, *forte* ou podem ser intensificadas, conforme observamos em *gorducho*, *baleia* e *hipopótama*.

No próximo quadro, estão expostos dados referentes à questão semântico-lexical “como se chama a *pessoa que está muito abaixo do peso, que já podemos ver os*

ossos”. Procederemos com a análise morfossemântica e estatística dos dados, para posteriormente cruzarmos as informações dessa QSL com a QSL anteriormente analisada, visando a sistematizar o modo como o falante categoriza a realidade extralinguística que o cerca.

Quadro 03 – Análise estatística e morfossemântica das designações para *pessoa que está muito abaixo do peso, que já podemos ver os ossos*.

Variante	Produtividade lexical	Processos de formação	de Motivação aparente	semântica
Desnutrido	3/26 – 11,53%	Derivação prefixal		Não
Subnutrida	1/26 – 3,84%	Derivação prefixal		Não
Anorexa	1/26 – 3,84%	Derivação regressiva * (na verdade, subentende-se que o informante quis dizer <i>anoréxica</i> , mas em seu repertório léxico-gramatical, só dispunha da forma apocopada, <i>anorexa</i> .)		Não
Magro e variantes (Magrelo (a), Magricelo, Magérrima, Muito Magro, Muito Magrelo, Magro Demais)	12/26 – 46,15%	Magro – Empréstimo (do latim <i>magrus</i>) Magrelo – Derivação sufixal Magricelo – Derivação sufixal Magérrima – Derivação sufixal Muito Magro – Composição Muito Magrelo – Composição Magro Demais – Composição		Não
Pó da Rabiola	1/26 – 3,84%	Composição e Metaforização	Sim	Icônica (Metafórica)
Debilidada	1/26 – 3,84%	Metaforização	Sim	Icônica (Metafórica)
Esqueleto	1/26 – 3,84%	Metaforização	Sim	Icônica (Metafórica)
Esquelético	1/26 – 3,84%	Metaforização/Derivação sufixal	Sim	Icônica (Metafórica)
Está na Capa	1/26 – 3,84%	Composição e Metonímia	Sim	Icônica (Metonímica)
Saco de Osso	1/26 – 3,84%	Composição e Metonímia	Sim	Icônica (Metonímica)
Caveira	1/26 – 3,84%	Metaforização	Sim	Icônica (Metafórica)
Caveira Andante	1/26 – 3,84%	Metaforização e Composição	Sim	Icônica (Metafórica)

Não-Resposta	1/26 - 3,84%	_____	_____
--------------	--------------	-------	-------

Fonte: Elaboração do autor.

Conforme os dados dispostos, percebe-se uma maior porcentagem de variantes inovadoras, de caráter neológico e popular. Assumimos que na elaboração da pergunta houve certo direcionamento ao escolhermos a expressão *que já podemos ver os ossos*, pois com isso se esperava que os falantes fornecessem uma gama de variantes criativas, como foi o caso. Muitas delas, estruturalmente, são unidades compostas.

Somando-se a produtividade lexical das variantes agrupadas nos processos de formação *metaforização* e *metonímia*, chegamos a um total de 30,72% de variantes que são semanticamente motivadas, ainda na esteira das teorias de Ullmann (1964) e Contini (2009). A produtividade das variantes agrupadas enquanto motivadas semanticamente na Tabela 01, *pessoa que está acima do peso*, soma 17,36% apenas. Percebe-se, com isso, que nesse recorte de pesquisa, a motivação semântica está presente em determinados tabus linguísticos, mas somente aqueles que passam por processos de transferência semântica, seja por metáfora, seja por metonímia. É preponderante, todavia, a presença de itens lexicais aparentemente arbitrários pelo uso corrente. Isso rompe, em parte, com o exposto em Guiraud (1960), quando o autor não admite a existência de vocábulos-tabu semanticamente motivados. Admitimos a existência dessa classe de itens lexicais, com a ressalva de que existem em uma escala muito mais reduzida que os tabus linguísticos arbitrariamente criados.

Neste estudo, a variante *magro* e suas derivadas foram prevaletes, constando no repertório de quase metade dos informantes. Ainda assim, constatamos maior variedade de itens lexicais para essa questão semântico-lexical do que para a questão anteriormente observada. Se pensarmos na perspectiva de Guérios (1979), *magro* é termo genérico, que neutraliza a carga pejorativa do referente. Todavia, os efeitos expressivos presentes em seus derivados são completamente heterogêneos. Sandmann (1988, p. 63) revela que uma das funções do sufixo *-inho* é o abrandamento. Dessa maneira, *magrinho* funciona como eufemismo para o referente-tabu, suavizando a carga negativa incutida socialmente a este. O sufixo *érrima*, se tomarmos a perspectiva de Gonçalves (2003), possui função indexical, ou seja, identifica traços socioculturais do referente e o caracteriza por esses traços que lhe são marcantes, como é o caso em *magérrima*.

O derivado *magricelo*, por sua vez, apresenta um percurso mais interessante, se pensarmos nas vias etimológicas. Tal variante passa por dois processos de derivação sufixal, a partir de *magro+iço* e *magriço+elo*. O sufixo *iço*, de acordo com Santana (2017, p. 635), apresenta cunho depreciativo ao se referir a tamanho reduzido, o que reforça o caráter primariamente pejorativo/disfêmico de *magricelo*. O mesmo autor (2017, p. 403) expõe que sufixos compostos pela letra *-l*, em geral, podem indicar tamanho reduzido, como é o caso de *-elo*. Nesse caso, cremos que no primeiro processo de derivação, na evolução diacrônica da língua, *magricelo* adquiriu seu caráter sarcástico. *Magrelo*, por sua vez, conforme já exposto, também indica caráter reduzido de algo, no caso, do peso do indivíduo, porém com uma carga semântica menos pejorativa que *magricelo*.

Construções com os prefixos *-des* e *-sub*, no caso de *desnutrida* e *subnutrida*, através desse processo, denotam carga semântica pejorativa. Apesar de serem termos técnicos da área médica, no processo de nomeação, pensando na perspectiva de Sandmann (1988), esses prefixos, ambos, possuem um caráter negativo. São termos técnicos, baseando-se na classificação de Guérios (1979), porém com matizes de pejoratividade, aparentemente reduzidos à medida que o uso pela massa corrente tem os cristalizado na norma lexical dessa comunidade de fala. Neste caso, podemos falar em signos linguísticos de motivação obscurecida pelo uso.

Anorexa, forma apocopada de *anoréxica*, é também termo técnico da área médica. Com isso, podemos ver reforçada a tendência em designar itens lexicais tabu, principalmente aqueles do campo da delicadeza (ULLMANN, 1964; GUÉRIOS, 1979), referentes a aparência física (KROLL, 1984) através de termos técnicos ou genéricos. Esse movimento tem muito a ver com a reconfiguração da sociedade contemporânea, consoante o que vimos na análise de *pessoa que está acima do peso*. Desse modo, as pessoas estão se distanciando de ideias mais negativas preconcebidas sobre o outro e sobre a aparência física deste. Isso se deve, possivelmente, à uma maior consciência social por parte das pessoas e também à própria influência das mídias sociais e da televisão, o que promove mudanças de comportamento.

De acordo com os dados obtidos, os processos de pejoratividade na língua ainda existem, porém em menor escala. Passemos a análise de alguns dos processos disfêmicos encontrados para designar *pessoa que está muito abaixo do peso*, aqueles que passaram por processo de transferência semântica, sendo motivados de alguma forma. Coincidentemente, reiteramos que os signos linguísticos motivados semanticamente foram aqueles que apresentaram maior grau de pejoratividade no universo dessa pesquisa.

A primeira expressão, *pó da rabiola*, aparentemente possui significado obscurecido. Optamos por classificar esse signo enquanto semanticamente motivado, apesar de não se ter maiores informações nos dicionários e registros lexicográficos consultados. Justificamos a partir da decomposição dessa unidade fixa. *Rabiola*, segundo o Michaelis (2015), é enquadrada enquanto um regionalismo do Rio de Janeiro, com a acepção seguinte: “rabo de papagaio feito de papel; rabilinha.”

Acreditamos ser plausível que essa unidade neológica composta tenha surgido a partir de uma alteração fonética da expressão *pau da rabiola*, parte da pipa que mais se desgasta à medida que se empina esse instrumento infantil. Em nossa hipótese preliminar, *pó da rabiola* surge em analogia com *pau da rabiola*, a partir da característica em comum do desgaste, físico no caso da *pessoa que está muito abaixo do peso*, que já podemos ver os ossos, aparentando cansaço e aparência abatida.

O Michaelis Online (2015) categoriza *debilitada* enquanto a pessoa que já não possui mais força física, portanto, associa-se, por transferência de significado, a falta de força física à magreza excessiva. Um exemplo de motivação icônica do signo linguístico materializada no processo de metaforização.

Há também as metáforas construídas por analogias possivelmente guiadas pelo tom específico da pergunta, especialmente na parte “que já podemos ver os ossos”. Orienta-se, em geral, esse tipo de designação pelo fato de ser “muito frequente exprimir a magreza excessiva por expressões disfemísticas e metafóricas

[...]” (KROLL, 1984, p. 34). São estas as expressões: *caveira*, *caveira andante*, *saco de osso*, *esqueleto* e *esquelético*. Essas expressões, através da associação da magreza em excesso com a falta de carne que apresenta o esqueleto após o processo de decomposição humana, carregam uma carga semântica bastante pejorativa, de uso popular, em contraste com a tendência ao uso politicamente correto da palavra, em voga na sociedade atual

O Michaelis (2015) rotula *esqueleto* originalmente como termo técnico de anatomia, ressemantizado através do *uso* coloquial e adquirindo tom figurativo e carga semântica pejorativa por meio da metaforização. *Esquelético* é formado a partir da derivação sufixal de *esqueleto+ico*, e também passa pelo processo de transferência de sentido entre a imagem mental do *esqueleto* (anatomia) para o ser humano extremamente magro, definição coadunada pelo próprio Michaelis (2015).

Caveira também passou por esse processo de ressemantização, e através da analogia entre pessoa muito magra e o esqueleto da cabeça, definição dada pelo Michaelis Online (2015), chega-se a esse novo significado de cunho pejorativo e figurativo. *Caveira andante* é um composto formado, provavelmente, com a intenção de realçar o fato de que a pessoa que está nessas condições ainda está viva, diferenciando-se, assim, do que seria uma *caveira* em seu sentido lato.

Por fim, *saco de ossos* ocupa um domínio diferente por conta de seu processo de formação de palavra. Assim como *está na capa*, passou por processo de metonímia. Ou seja, a transferência do sentido de uma parte pelo todo, ou vice-versa, conforme já visto anteriormente. Destaca-se que a metonímia também é um recurso a serviço da motivação icônica do signo linguístico. A analogia é feita com a parte do corpo que mais chama atenção/sobressai neste indivíduo. No primeiro caso, os ossos, que ficam proeminentes; no segundo caso, a capa, ou seja, a pele, já que os músculos são escassos.

No quadro a seguir, podemos visualizar as acepções fixadas por Cunha (2010) e Michaelis (2015), e que auxiliam no processo de análise das designações encontradas para esse referente.

Quadro 04 – Análise léxico-semântica dos designativos para *pessoa que está muito abaixo do peso, que já podemos ver os ossos*.

Variante	Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Cunha (2010)	Dicionário Michaelis Online
Desnutrido	Século XX	adj 1 Que se desnutriu. 2 Fraco pela falta de nutrição.
Subnutrida	Século XX	sub·nu·tri·do adj 1 Que recebe nutrição insuficiente. 2 Que apresenta um físico débil ou insuficientemente desenvolvido por falta de alimentação adequada.
Anorexa	Anorexia – <i>sf.</i> ‘falta de apetite, inapetência’. 1813. Do gr. <i>anorexía</i> , por via erudita.	a·no·ré·xi·co (cs) adj MED Relativo a anorexia; anorético, anorético.

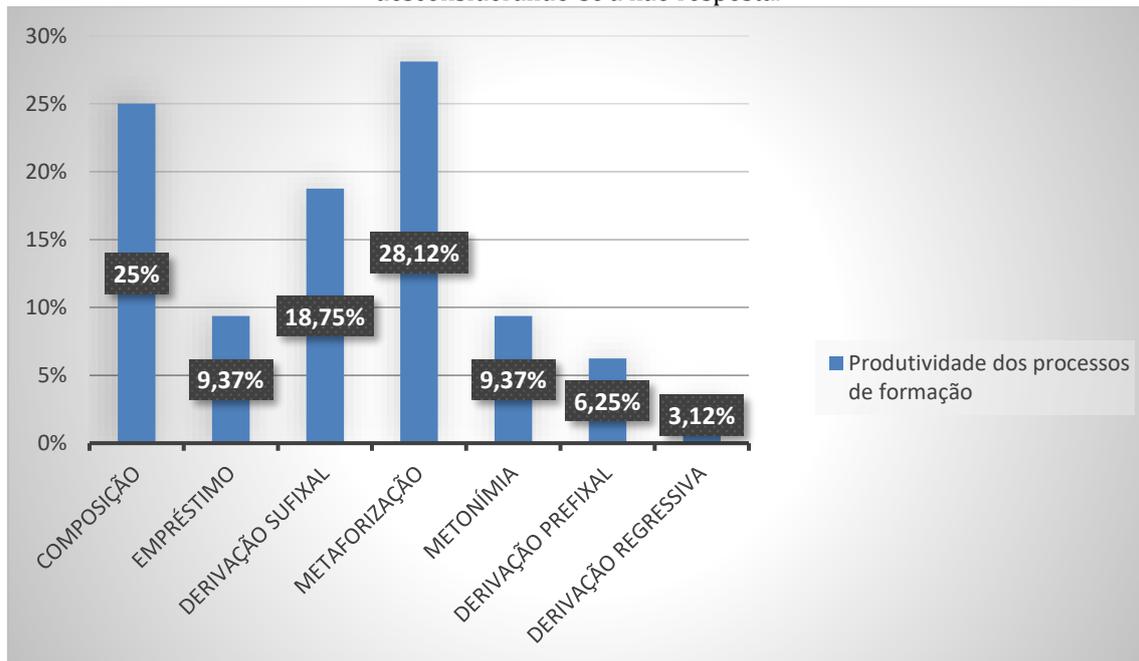
Magro	<i>adj.</i> ‘falta de tecido adiposo, que tem pouca ou nenhuma gordura ou sebo’ XIII. Do lat. <i>macercra, -crum</i>	adj sm Que ou aquele que tem pouca ou nenhuma gordura. adj 1 Que tem pouca ou nenhuma gordura; que tem pouco peso em relação ao seu tamanho. 2 POR EXT Diz-se de pessoa ou animal esguio e esbelto; desencorpado, fino. 3 POR EXT Diz-se de elemento sem carne ou gordura.
Magrelo	Sem acepção encontrada	adj sm substantivo masculino V <i>magricela</i> . ETIMOLOGIA <i>der de magro+elo</i> .
Magricelo	magr IC.ELA <i>magrizela</i> 1881 magriço XVI. Cp. MACILENTO.	ma·gri·ce·la adj m+f sm+f Diz-se de ou pessoa extremamente magra e descorada; <i>magrelo, magricelas, magricelo, magriço, magriz, magrizel, magrizela</i> . ETIMOLOGIA <i>der de magro+iço+elo, no fem.</i>
Magérrima	Sem acepção encontrada	ma·gér·ri·mo adj Extremamente magro; <i>macérrimo, magríssimo</i> . ETIMOLOGIA <i>lat macerrimus</i> .
Pó da Rabiola	Sem acepção encontrada	Sem acepção encontrada
Debilitada	Debilitar XV. Do lat. <i>debilitare</i> .	de·bi·li·ta·do adj 1 Que perdeu a saúde ou o vigor físico; adoentado, fraco, inânimo: “[...] <i>está muito magro e debilitado por causa das doenças oportunistas que se aproveitam da precariedade de suas defesas físicas e o fazem emagrecer demais</i> ” (TB1).
Esqueleto	<i>sm.</i> ‘conjunto de ossos e cartilagens que se interligam para formar o arcabouço do corpo dos animais vertebrados’ 1813. Do fr. <i>squelette</i> , deriv. Do gr. <i>skeletós</i> .	Sm ANAT Estrutura óssea que dá suporte ao corpo de um ser humano ou de uma animal; <i>ossatura, ossamento</i> . FIG Pessoa que denota magreza exagerada.
Esquelético	1881.	Adj adjetivo 1 Que se refere a esqueleto. 2 Que se assemelha a um esqueleto. 3 Que é muito magro, com os ossos visíveis.

		ETIMOLOGIA <i>der</i> de <i>esqueleto</i> + <i>ico</i> ² , como <i>fr squelettique</i> .
Está na Capa	Sem acepção encontrada	Sem acepção encontrada
Saco de Osso	Sem acepção encontrada	Sem acepção encontrada
Caveira	<i>sf.</i> ‘cabeça descarnada ou esqueleto da cabeça’ <i>caaueyra</i> XIII, <i>cauyera</i> XIII, <i>caeira</i> XV Do lat. <i>calvaria</i> ‘crânio’, de <i>calvus</i> ‘calvo’.	Sf 1 Cabeça descarnada; esqueleto da cabeça. 2 POR EXT Esqueleto, especialmente o humano. 3 FIG Rosto excessivamente magro: “[...] um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto do que uma caveira” (MA3) (ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <www.bn.br>. Acesso em: 15 maio 2014.) ETIMOLOGIA <i>lat vulg</i> * <i>calavarĭam</i> , como <i>esp calavera</i> .
Caveira Andante	Sem acepção encontrada	Sem acepção encontrada

Fonte: Elaboração do autor, com base em Cunha (2010) e Michaelis (2015).

Dessa forma, podemos estabelecer e esquematizar alguns pontos em comum a partir da análise dos processos de formação das variantes relacionadas nessas duas questões semântico-lexicais. Tais sistematizações se encontram no gráfico adiante.

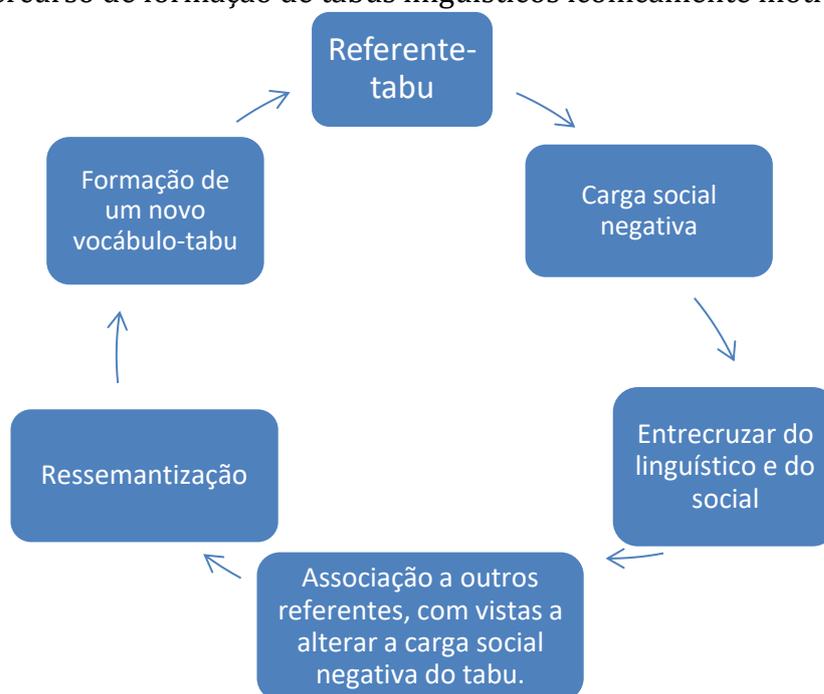
Gráfico 01 – Produtividade dos processos de formação dos vocábulos-tabu das duas QSL, desconsiderando-se a não resposta.



Fonte: Elaboração do autor.

A partir da observação do gráfico, verifica-se que a metaforização foi o processo mais produtivo de formação de palavras-tabu, justamente um processo vinculado, comprovadamente, à motivação icônica do signo linguístico. Todavia, ainda que somemos a ocorrência da metaforização e da metonímia em ambas as questões semântico-lexicais, chegamos a uma porcentagem menor que o restante dos processos de formação, 37% apenas. Isso confirma a nossa hipótese de que existem palavras-tabu semanticamente motivadas, no caso desse estudo, o que se convencionou chamar de motivação icônica (ULLMANN, 1964; CONTINI, 2009; GHOLMIE, 2019), contrariando a tese de Guiraud (1960), de que os tabus linguísticos não seriam motivados semanticamente. Todavia, fazemos a ressalva de que não são todos os itens lexicais tabu que apresentam motivação semântica, conforme pudemos acompanhar a partir deste trabalho. Os demais processos de formação envolvidos somam 63% de frequência de uso no universo desta comunidade de fala, e estão associados a variantes aparentemente arbitrárias no uso corrente.

Se admitimos, pois, a existência de tabus linguísticos iconicamente motivados, precisamos detalhar o percurso que estes itens passam antes de surgirem, no ato de nomeação.

Figura 01 - Percurso de formação de tabus linguísticos iconicamente motivados.

Fonte: Elaboração do autor.

O momento primeiro desse processo é a valoração do próprio referente-tabu, que pode ser positiva ou negativa. Em geral é negativa, se pensarmos que os referentes-tabu podem se referir a superstições (crenças em maus fluídos), ou objetos/características/comportamentos negativamente valorados, em âmbito social. Os tabus linguísticos negativamente valorados adquirem, com o tempo, carga social pejorativa, de acordo com a norma social da comunidade em que se inserem. Isso depende muito da aceitação ou rejeição do falante a determinadas formas que fogem dos padrões preestabelecidos.

O objeto-tabu, que naturalmente tende a ser socialmente desprestigiado, no entrecruzar do nível linguístico e do nível social, tendo em vistas à tradução da realidade extralinguística no próprio dialeto social da comunidade, adquire uma carga semântica pejorativa, desdobramento da carga social negativa imposta pela coletividade.

Dessa forma, alguns referentes-tabus (ressalta-se, uma parcela pequena, levando-se em conta a infinidade de itens socialmente interditos), ao passarem de uma mera imagem mental a uma nova forma em uso corrente, sofrem processo de analogia com outras formas, podendo adquirir conotação humorística a primeiro momento, e a depender da forma como a sociedade enxerga aqueles referentes.

Após esse processo de analogia, que aqui denominamos motivação semântica icônica ou ressemantização, forma-se o novo vocábulo-tabu, em geral através do processo de metaforização ou de metonímia, de acordo com o que esta própria investigação nos demonstrou. Ressalta-se que não é um processo fixo para todas as

variantes tabuísticas da língua, mas somente para as formas que passam por esse processo de analogia com outras formas físicas, comportamentais ou aspectuais.

5. CONCLUSÃO

Neste estudo, buscamos realizar uma análise integrada dos níveis de análise linguística semântico-morfológico. Com efeito, pudemos visualizar que o item lexical tabu, nosso objeto de análise, não é tópico novo na língua. Suas origens remontam aos povos primitivos, nas mais diversas temporalidades ou regiões geográficas. No entanto, há um complexo subprocesso envolvido na geração de vocábulos-tabu. Antes de demonstrarmos o percurso morfossemântico de determinadas unidades tabuísticas, faz-se necessário a propositura de uma divisão formal entre dois tipos de tabu, se tomarmos a perspectiva semântico-morfológica de observação.

Primeiramente, os *tabus linguísticos arbitrários ou parcialmente arbitrários*, aqueles em que o processo de criação é motivado socialmente (ou no âmbito extralinguístico), pelo caráter interdito do referente, porém não podemos falar, a priori, em motivação semântica (no âmbito linguístico). É o caso de itens lexicais como *magro, gordo, desnutrido, subnutrido e anorexia*, variantes documentadas nesse universo de pesquisa. A exemplo dessas variantes, tomadas como empréstimos de outras línguas ou da área médica para o uso corrente, e ainda sendo configurados enquanto vocábulos genéricos, não podemos identificar motivação semântica, não há um processo de analogia com outras formas ou outros campos do conhecimento que permita uma interface morfossemântica no ato de nomeação. Podemos falar também em *tabus parcialmente arbitrários*, como Saussure (1971 [1916]) bem retratou ao mencionar o signo parcialmente motivado. São aqueles vocábulos que devem ter tido motivação semântica na origem, porém com o uso repetido pelas massas, convencionou-se, ou melhor, cristalizou-se na norma lexical, não sendo mais transparente a sua motivação semântica inicial.

Por outro lado, também existem os *tabus linguísticos iconicamente motivados*, signos em que há analogia entre dois itens dispostos no acervo lexical da comunidade, seja por aspecto, cor, comportamento ou localização geográfica/física, consoante Gholmie (2019, p. 30). As unidades tabuísticas que se mostraram iconicamente motivadas nesse recorte de pesquisa foram *baleia, hipopótama, esqueleto, esquelético, caveira e caveira andante*, que remetem à analogia por forma física, em tom depreciativo e até mesmo, preconceituoso; expressões que ligam o referente ao aspecto cansado ou desgastado (semblante), como *pó da rabiola e debilitada*; e, ainda, *está na capa, saco de osso e bucho*, que também aludem à forma física, só que tomando em conta uma parte mais chamativa entre as duas formas análogas, e não as formas em seu todo. No caso dos dois primeiros referentes, a *pele* pelo *corpo* e os *ossos* pelo *corpo*. No caso do terceiro referente formado via metonímia, a aparência da *barriga* pelo *corpo*.

A investigação nos permitiu confirmar o modo como se dá influência da norma sociocultural e comportamental na formação linguística da comunidade de fala. Este não se propõe a ser um estudo de cunho sociolinguístico. Entretanto, ao trabalharmos com variantes registradas a partir de dados sociolinguísticos

referentes a uma comunidade de fala, podemos mensurar o modo como essa mostra de falantes significa a realidade física que o cerca.

Há uma diversidade de modos de enxergar a realidade, a depender de nossa visão de mundo, se pensarmos a perspectiva de Sapir (1969). Algumas dessas visões, traduzidas no modo como denominamos os referentes-tabu, mostram-se mais monitoradas e preocupadas com a integridade física e/ou moral do outro, de forma a suavizar possíveis traços negativos socialmente incutidos à ideia em questão, outras maneiras se mostram mais preconceituosas. Precisamos, portanto, mencionar que não é de nossa intenção julgar o falante em si pelo modo como este se expressa em relação a convenções sociais, mas sim o modo como essas convenções sociais afetam a nossa maneira de pensar, e continuam se perpetuando geração após geração, ou, em outros casos, modificando-se, a depender de uma série de fatores extralinguísticos.

Esse estudo traz à tona, portanto, uma proposta de detalhamento do percurso que dois tabus linguísticos de delicadeza (ULLMANN, 1964), também conhecidos como tabus linguísticos impróprios (GUÉRIOS, 1979), fazem desde o mecanismo psicofísico do indivíduo até sua materialização linguística, ou reverberação morfológica, isto é, o processo de criação de novas unidades lexicais que deem conta de explicar o modo como a sociedade vê e rotula determinadas crenças, práticas, comportamentos ou até mesmo a aparência física.

Referências

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

BARBOSA DOIRON, M. P. **A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas**. 2016. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina – Brasil, e Université Grenoble Alpes – França, 2016.

BENKE, V. C. M. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil**: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BIDERMAN, M. T. C. O léxico, testemunha de uma cultura. **Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas**. Sessão II: Lexicología e Metalexigrafía. Vol.2, 1992, p.397-405.

CONTINI, M. Les phono symbolismes: continuité d'une motivation primaire? **Travaux de linguistique**, n.59, p.77-103, 2/2009.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 4ª ed., revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

GHOLMIE, M. R. S. **Motivação na criação lexical: o elo entre cultura e linguagem em dados do Atlas Linguístico do Paraná**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, 2019.

GONÇALVES, C. A. V. A função indexical das formações X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo no português do Brasil. **Veredas (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 5, n.2, p. 47-59, 2003.

GUEDELHA, C. A. M. Tabus linguísticos como motivação na formação de palavras do PB. In: **Working Papers em Linguística** (Online), v. 12, p. 49-68, 2011.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus Linguísticos**. 2ª ed. Companhia Editora Nacional, 1979.

GUIRAUD, P. **La semántica**. Fondo de Cultura Económica, México, 1960.

KROLL, H. **O eufemismo e o disfemismo no português moderno**. 1ª ed. Biblioteca Breve. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos LTDA., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 23/06/2021.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et labor: Ícone, 1988.

SANTANA, M. S. S. **O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação – do século XIII ao XX**. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa, São Paulo, 2017.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência: ensaios**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969, p.43-52.

SAUSSURE, F de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1971.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

Para citar este artigo

ROBBIN, D. A. M. A motivação semântica do signo-tabu e suas reverberações morfológicas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 160-182.

O autor

DANIEL ABUD MARQUES ROBBIN é graduado em Letras - Português/Espanhol pela UFMS-Campus do Pantanal. Mestrando em Linguística pelo PPGL da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração Sociolinguística e Dialectologia. Tem como interesses de pesquisa: Sociolinguística e Dialectologia, Semântica Lexical, Estilística Léxica, Ensino de Literatura.